

# Ecofeminismo heideggeriano\*<sup>1</sup>

## *Heideggerian Ecofeminism*

DOI:10.12957/ek.2019.49546

Dra. Trish Glazebrook\*<sup>2</sup>  
**patricia.glazebrook@wsu.edu**  
Washington State University [EUA]

**Tradução** Dra. Rebeca  
Furtado de Melo\*<sup>3</sup>  
**rebecafurtado7@gmail.com**  
Colégio Pedro II - RJ [CPH]

**Revisão da Tradução**  
Ana Carolina Dantas\*<sup>4</sup>

O primeiro artigo que publiquei sobre ecofeminismo foi uma análise do tratamento de Heidegger sobre a natureza a partir de sua crítica da ciência e da tecnologia (Glazebrook, 2001). Hoje, mais de duas décadas depois, continuo escrevendo como uma ecofeminista heideggeriana sobre gênero e mudanças climáticas, especialmente sobre adaptação e finanças, em relação à segurança alimentar na África, assim como sobre ecodefensores e protetores indígenas, justiça ambiental e sustentabilidade com foco na função do capital na ordem fálica que atualmente engendra uma extinção em massa. Neste artigo, traçarei o surgimento e desenvolvimento das críticas do capital através do corpo do trabalho de ecofeminismo, conectando-o com pesquisas mais recentes sobre Heidegger e economia.

**PALAVRAS-CHAVE** Ecofeminismo. Heidegger. Capital.

\*1 N.T.: Agradeço à Professora Patricia Glazebrook por ter acolhido prontamente nosso convite para compor este dossiê, enviando um texto inédito, que temos a alegria de publicar aqui em português e inglês a fim de ampliar nossas/os possíveis leitoras/es. Agradeço ainda à minha querida amiga, Ana Carolina Dantas pela parceria em trabalhos feministas e na vida e, sobretudo, por essa mágica que faz com que as frases se tornem mais elegantes e compreensíveis.

\*2 Trish Glazebrook é Professora de Filosofia na Escola de Política, Filosofia e Relações Públicas na Washington State University. Faz parte do corpo editorial do periódico New Heidegger Research, editado pela Rowman & Littlefield, e é autora do livro Heidegger's Philosophy of Science.

\*3 Rebeca Furtado de Melo é doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com período sanduíche na University of Tasmania (Austrália). É professora do Departamento de Filosofia do Colégio Pedro II, integrante e co-fundadora do Grupo de Pesquisa CORPODER - Filosofia decoloniais: corpos, poderes e saberes.

\*4 Ana Carolina Dantas (anacarolinapdantas@gmail.com) possui graduação em Letras (Inglês) pela UERJ e possui especialização em tradução de Inglês/Português.

The first paper I published on ecofeminism was an analysis of Heidegger's treatment of nature in his critique of science and technology (Glazebrook 2001). Now, almost two decades later, I continue to write as a Heideggerian ecofeminist on gender and climate change, especially adaptation and finance, with respect to African food security as well as on indigenous eco-defenders and -protectors, environmental justice, and sustainability with focus on the function of capital in the phallic order that is currently engineering mass extinction. In this chapter, I will trace the emergence and development of critiques of capital throughout this body of ecofeminist work and connect it with more recent research on Heidegger and economics.

**KEYWORDS** Ecofeminism. Heidegger. Capital.

## O início

Quando criança, eu cresci no Canadá depois de deixar a Inglaterra, e fui o que se costumava chamar de ‘moleque’<sup>1</sup> – amava estar ao ar livre, sem me importar se fazia 40°C ou menos 40°C. Se não estava na escola, estava tanto quanto possível em um barranco atrás de nossa casa, fazendo-o de tobogã na neve, escalando árvores ou construindo fortes no verão e, geralmente, me divertindo muito. Eu entrava em casa apenas quando minha mãe tocava um sino para avisos de ataque aéreo que ela encontrou em uma loja de antiguidades e deu para meu pai como uma lembrança de quando ele andava de bicicleta por seu vilarejo para avisar às pessoas para irem para os abrigos durante a Segunda Guerra Mundial. Fui a segunda de cinco irmãs e uma espécie de substituta para um filho homem que eles não tiveram. Quando meu pai ia na Can-Am, uma corrida anual que ocorria em Edmonton, Alberta, ele me levava. Eu era sua ajudante quando ele cuidava de nosso quintal. Se os gatos trouxessem para casa um rato machucado e moribundo, a tarefa de aliviar o sofrimento do pobre animal recaía sobre mim. Com vinte e poucos anos, escalava nas Montanhas Rochosas, frequentemente fazia trilhas ou dormia nos glaciares onde eu construía uma pequena pilha de pedras para que a água derretida contornasse a barraca ao invés de invadi-la. Uma vez fomos espreitados por um urso-cinzentos. Mas nós conhecíamos seu comportamento e percebemos seus avisos para seguir nosso caminho em outra direção. Cresci amando, confiando e me sentindo completamente em casa ao “ar livre”.

Ao mesmo tempo, eu me autoidentificava com o masculino, não como uma orientação de gênero, mas como alguém que se sente capaz de interagir e competir com um grupo privilegiado do qual a maioria das pessoas como eu estaria excluída. Eu desfrutava de ser “excepcional”, isto é, em ambos os sentidos, tanto de ser uma exceção como alguém com habilidades excepcionais. Eu escarnecia da disciplinarização da feminilidade depois de um breve encontro com uma sombra de olhos aos treze anos de idade e desdenhava o rosa, vestidos, bonecas e qualquer coisa que me parecesse sugerir um estereótipo feminino. Tinha internalizado completamente a misoginia. Acredito que isso pode ter começado aos nove anos, quando percebi que jamais poderia realizar meu sonho de me tornar um jesuíta. De repente, percebi que ter uma vagina limitaria minhas opções. Naturalmente, rejeitei o feminismo pensando que ele representava tudo

1 N.T.: A expressão original é “tomboy”, palavra usada para se referir a meninas que têm comportamento considerados “masculinos” incluindo vestimenta e preferência por atividades e jogos estereotipados como algo de meninos. Por vezes, a expressão pode ser usada de forma pejorativa.

que estava contra mim. Como a soma de tal automisoginia e amor pela natureza acabaram se tornando uma ecofeminista que não está em guerra constante contra si mesma?

Para mim, esse processo começou com uma professora de Estudos Clássicos, da *University of Alberta*, Dra. Rosemary Neilsen. Ela chamou minha atenção por eu não ser uma feminista quando estávamos lendo a *Teogonia* de Hesíodo. Tomei isso como algo irrelevante, mas era como uma farpa em meu dedo que evoluiu de uma irritação para uma inflamação da qual não conseguia me livrar. Ela sempre parecia cansada, pouco preparada, frustrada e facilmente irritável. Demorei algumas décadas para me dar conta da política de gênero e sexismo absoluto a que ela deveria estar submetida todos os dias em um departamento envelhecido de homens classicistas.

Então fui para a pós-graduação em Toronto, Canadá. Minha primeira tarefa foi lecionar uma disciplina de Ética na graduação de Engenharia. Eu me perguntava por que os 10% de mulheres presentes estava tão desinteressado em questões como: “por que há tão poucas mulheres na engenharia?”. E percebi que elas tinham a mesma experiência de excepcionalidade que eu. Admitir que a seleção de gênero em matemática e engenharia possui um viés cultural e que as mulheres, em geral, não são menos capazes por natureza de serem bem-sucedidas em um treinamento de base que os homens é desistir de um *status* excepcional como uma mulher atípica que é igual aos homens. Evidentemente, mulheres não são iguais aos homens: mulheres com a mesma qualificação provavelmente conseguirão empregos com mais dificuldade, nos quais terão mais dificuldade para aceder, manter e com remuneração desigual. Mulheres facilmente podem se encontrar às margens – dentro, mas fora –, e assim estarem expostas à “síndrome de impostor”, um teto de vidro que se torna um penhasco de vidro, quando uma mulher é contratada para resolver um problema difícil de longa data e demitida por não conseguir resolvê-lo rapidamente. Esse *insight* sobre desigualdade foi, na verdade, formado depois de vinte anos de experiência como uma filósofa mulher e, às vezes, me pergunto o que haverá acontecido na carreira daquelas mulheres em seus desdobramentos seguintes.

No entanto, quem estranhamente exerceu uma grande influência na minha época pós-graduação, foi um colega excêntrico que realizava jantares no estilo sarau, nos quais era necessário fazer leituras em conjunto de comédias gregas, por exemplo, e que sempre aparecia com livros aparentemente aleatórios pelos quais ele estava profundamente revigorado. Uma vez ele apareceu com o livro *Staying Alive* de Vandana Shiva e insistiu para eu ler o capítulo sobre como as

plantações de eucalipto estavam destruindo os lençóis freáticos na Índia, que mais tarde acabei compreendendo que consistia na descrição da conjunção terrível de diversos fatores [*perfect storm*] como o sistema pós-colonial de transferência de recursos, “ajuste estrutural”, soluções baseadas na ciência fundamentada na Revolução Verde e a urgência de cientistas obterem financiamento que permitam o desenvolvimento de suas carreiras. Naquele momento, contudo, eu não tinha nenhum contexto para situar esses *insights*. Isso não tinha nada a ver com Heidegger, Aristóteles e minha necessidade implacável de absorver a história da filosofia me afogando nela.

O que eu fiz, no entanto, foi me inscrever em um curso sobre feminismo – não tinha muitas disciplinas disponíveis nos horários vagos da minha grade. Não me lembro muito sobre o curso, apesar de lembrar que a professora foi excelente. Em todo caso, assim que terminei o doutorado, eu me encontrei imediatamente ocupando uma vaga na *Colgate University*, em uma pequena cidade no estado de Nova Iorque, em que fui contratada como uma pesquisadora sobre Heidegger, mas obrigada a ensinar feminismo. Esse foi o primeiro reconhecimento. Ao que parece, uma vagina pode impedir alguém de ser jesuíta, mas também garante uma plena capacitação em algo que você conhece bem pouco, nunca escreveu sobre e nem ao menos disse que está levemente interessada e que tampouco teve nenhum treinamento para ensinar. Enfim fui obrigada a me tornar uma feminista, se por nenhuma outra razão, para poder ensinar sobre isso de maneira responsável.

Ao ensinar sobre o feminismo também aprendi muito sobre a experiência universitária para estudantes e sobre a faculdade em meados dos anos 1990 em uma pequena cidade dos Estados Unidos. Aprendi, por exemplo, que feministas são na verdade chamadas “femi-Nazis”. Que um estupro que ocorre em um encontro é provavelmente porque a “menina” ficou chateada por ter sido dispensada. Que “mulheres de verdade” nunca dizem sim, mas que “homens de verdade” não aceitam um não como resposta. O que quer dizer que, no final das contas, tudo é estupro, mas nada é estupro. Que está tudo bem em não aceitar mulheres em fraternidades porque as mulheres possuem as sororidades que são praticamente o mesmo e que funcionam como uma excelente fábrica para as fraternidades. Mas não tente organizar um encontro só de mulheres, mesmo que seja para falar sobre violências sexuais, pois isso é discriminação. As fraternidades foram criadas em 1813, enquanto as mulheres só foram admitidas na universidade em 1970. Desta maneira, as sororidades se localizam fora do *campus* e são fortemente reguladas pela cidade. Por exemplo, uma sororidade pode ter apenas três visitantes presentes a qualquer momento a não ser que eles solicitem autorização e tenham uma permissão concedida. As fraternidades,

tecnicamente, também ficam fora do *campus*, mas logo do outro lado da rua, em um trecho conhecido como “Linha das *Frats*” [*Frat Row*]. Os policiais não vão lá porque o que acontece lá é assunto da universidade. A universidade não vai lá porque elas não estão sob sua jurisdição. Portanto, se você deseja vender um baseado, você deveria morar em uma *frat*. Isso também significa que as *frats* dão as melhores festas porque podem receber tantas pessoas quanto desejarem com todas as drogas e bebidas alcoólicas que quiserem e trazem ótimas bandas. Algumas *frats* têm rituais de “provas de seleção” durante o “recrutamento” – o período de inscrição para membros – nos quais “calouros”, quer dizer, candidatos esperançosos, precisam colecionar roupas interiores (especialmente, “calcinhas”) ou um brinco de garotas locais para se qualificar para admissão. Já uma sororidade pede para as calouras ficarem de calcinha enquanto as “irmãs” circulam seu corpo com canetinhas marcando qualquer excesso de “gordura” que elas devam se livrar para entrarem no grupo. Se um novo calouro de uma *frat* resolve tirar a calcinha de uma “dançarina exótica” com sua boca durante a festa de comemoração da chegada de novos membros com cem ou mais homens da *frat* e morder sua vagina, ela será tirada da festa pela sua segurança e encaminhada a um hospital para tomar antibióticos profiláticos. Mulheres que se opõem a tudo isso serão provavelmente chamadas de velhas, feias e invejosas de quão gostosas as mulheres da sororidade são.

Como membro da faculdade, também aprendi que não é meu lugar fazer a primeira pergunta para um palestrante externo porque meu colega homem que faz isso. Se eu esperar e perguntar depois, esse colega homem, que não tem doutorado e nunca publicou nada, vai cochichar “que bobagem que ela está falando”, alto o suficiente para todo mundo ouvir enquanto ainda estou no meio de minha questão. No final do dia, serei orientada a ser mais respeitosa com ele. Se uma professora latina antiga da faculdade é intimidada em um encontro do departamento e fala algo para se defender, ela será questionada por que está tão na defensiva. Se você responde: porque ela está sendo atacada, você provavelmente perderá seu emprego. Se você é convidada para uma palestra em uma *frat* e intitula a mesma de “Por que eu odeio as *Frats*”, provavelmente perderá seu emprego. Eles ficarão surpresos que alguém possa se sentir ofendido por ser *a priori* excluída de sua organização e podem também passar a se preocupar com estupros em encontros e desenvolver políticas e protocolos contra estupros em encontros para suas festas, por exemplo, designar motoristas que trabalhem em equipe pela segurança das mulheres e cartazes com campanhas de conscientização. Mas você vai provavelmente ainda perder seu emprego. Se você apoiar uma candidata mulher da Índia para ocupar um cargo na Universidade,

provavelmente vai perder seu emprego porque seu colega que ensina budismo e lidera uma igreja branca cristã dirá que conhece “esses indianos” e que “eles não são muito confiáveis”. Se você apoiar um candidato latino, provavelmente vai perder seu emprego. A administração central da Universidade vai contratá-lo, apesar de objeções do departamento, e dar para ele sua vaga.

Foi assim que me tornei uma feminista: força bruta, insultos públicos, trauma, tratamento radicalmente diferente e injusto, punições por me recusar a praticar a disciplina da feminilidade – obediência, silêncio e submissão. Se quero meu emprego, não devo ter uma opinião sobre nada. Antes, escolhi o que me pareceu ser o menor dos males e me tornei uma feminista. Eu li a literatura porque fui obrigada a ensiná-la. E minha cabeça explodiu: não sou a única que sou tratada dessa maneira; não se trata apenas de homens misóginos, mas um viés institucional (ainda que também existam homens nojentos); feminismo não é apenas justiça para mim ou para as mulheres, mas para todos que vivem em um mundo regido por uma ordem fálica que beneficia esmagadoramente homens, na maioria das vezes, homens brancos e cis, e às custas do resto de nós. Então vomitei a misoginia que tinha internalizado e bebi de uma vez, sem titubear, o feminismo<sup>2</sup>.

## O meio

O ‘meio’, para mim, foi um tempo de descoberta do Sul global, de compreensão da representação limitada das necessidades das mulheres globalmente no feminismo eurocêntrico e a necessidade de superar esses limites. Nesta seção, descreverei minha jornada pelo ecofeminismo de Karen Warren através da filosofia da natureza e a construção de meu ecofeminismo heideggeriano a partir desta influência. Sua posição sobre a lógica da dominação ratificou minha leitura da compreensão da essência da tecnologia de Heidegger como exploradora da natureza.

No tempo em que estive em Colgate, tive um colega mais velho, gentil e generoso, que era o chefe do Departamento. Ele sugeriu que eu desenvolvesse um

---

2 N.T.: A frase usada pela autora é “drank the feminist Kool-Aid” [bebi o *Kool-Aid* feminista]. *Kool-Aid* é o nome de uma marca famosa de suco industrializado dos EUA. A expressão “drink the kool-aid” faz referência ao massacre de Jonestown, que ocorreu em 1978, com um suicídio em massa liderado por Jim Jones, que distribuiu veneno misturado com um corante semelhante ao usado nos sucos industrializados de uva da *Kool-Aid*. A expressão é ambígua e geralmente é usada com dois sentidos: 1) Como uma advertência para que as pessoas não se entreguem cegamente a determinados discursos/propostas que envolvam riscos; 2) para se referir a pessoas absolutamente comprometidas com uma causa.

curso de Filosofia da Natureza, o que seria muito natural a partir dos meus estudos sobre Heidegger, mas que fosse proposto de uma maneira mais abrangente e interessante para os estudantes que apenas um curso sobre Heidegger, já que as questões ambientais continuavam em voga durante os anos 1990. De fato, uma posição central da filosofia da ciência de Heidegger é que ele compreende a história intelectual (eurocêntrica) do Ocidente como uma série de interpretações da natureza. Para Aristóteles, natureza (*physis*) é o que se move por si mesmo, cujo movimento significa desenvolvimento. Assim, por exemplo, um filhote de cachorro se torna um cão adulto e não uma árvore. Entes naturais, quando sobrevivem, seguem um crescimento direcionado por uma finalidade (*telos*) realizando o que eles são. Desta maneira, as coisas na natureza têm sua própria finalidade: tornarem-se plenamente o que são. As pessoas intervêm neste processo tirando o material da natureza e transformando-o em um artefato.

Na Filosofia Medieval, entretanto, há uma teleologia divina que orienta o crescimento: os entes naturais seguem um plano criado por um deus que é um artesão divino. Assim, nada mais é compreendido como regido por si mesmo em direção a uma finalidade, ao contrário, tudo passa a ser reduzido àquilo que Aristóteles chamou de produção, isto é, a criação realizada por um artista, ainda que seja um artista divino na compreensão medieval católica romana. Laplace, no entanto, como um cientista moderno, conseqüentemente, declara que deus é uma “hipótese desnecessária” (BALL, 2003 [1908]), o que deixa os entes naturais tanto sem seu próprio *telos* como na compreensão de Aristóteles, quanto sem seu propósito divino, na teologia medieval. A natureza não possui, portanto, nenhuma finalidade (*ateles*) e está completamente disponível para apropriação de acordo com os propósitos humanos.

De fato, a essência da tecnologia é famosamente compreendida por Heidegger como uma interpretação moderna e reducionista da natureza, como nada mais que recurso (*Bestand*, geralmente traduzido como “fundo de reserva”, mas muito mais compreensível como “recurso”) à disposição do uso humano, quer dizer, possuindo apenas um valor instrumental. Em outro texto, abordei essa questão, assim como o argumento heideggeriano, detalhadamente (GLAZEBOOK, 2000) e desenvolvi parte desta argumentação a partir da matematização de Galileo da natureza em sua defesa de que o universo é um livro escrito na linguagem matemática (HEIDEGGER, 1987/1967; GALILEO, 1957) para avançar no argumento de que esta matematização prepara os entes naturais para apropriação não apenas para as finalidades humanas, mas, mais especificamente, para os objetivos guiados pelo lucro do capital (GLAZEBOOK, 2019). Desta maneira, fui além do argumento de Heidegger, embora o curso de filosofia da natureza que desen-

volvi usando o “era uma vez” heideggeriano da história intelectual do Ocidente também tenha me levado para fora das contribuições heideggerianas.

Por razões que não são tão evidentes para mim, esse curso me levou até a obra de Karen Warren. Na verdade, como disse acima, *Colgate* admitiu mulheres pela primeira vez em 1970. Eu fui contratada em 1994. Sinalizei para a reitora que em 1995 completava 25 anos da admissão de estudantes mulheres e propus convidar Karen Warren para ministrar algumas palestras para celebrar esse marco histórico. Ela aceitou e, de fato, Karen veio. Para preparar os estudantes no curso de Filosofia da Natureza passei uma série de ensaios dela. E novamente minha cabeça explodiu. Nunca mais abandonei a compreensão da lógica da dominação, na qual uma binaridade é introduzida, por exemplo, homem/mulher, homem/natureza, razão/emoção e classificada de forma em que um lado do binômio é superior ao outro; tal superioridade é, em seguida, usada para justificar o privilégio do lado considerado superior de explorar o outro, tampouco abandonei seu argumento em defesa da narrativa em primeira pessoa como um método epistemológico (WARREN, 1990). Isso não é surpreendente dado o quanto sua proposta da lógica da dominação está alinhada com a análise de Heidegger da essência da tecnologia como exploradora da natureza e das pessoas. A narrativa em primeira pessoa como um método legítimo também abriu para mim uma epistemologia que excede o modelo de verdades a-históricas, objetividades científicas e do pensamento representacional que Heidegger tão fortemente repudiava, ao mesmo tempo em que me deixou pouca alternativa a sua análise da verdade epocal como historicamente situada.

Em vez disso, Warren fala de seu relacionamento com uma montanha que ela não conseguiu escalar quando tentou conquistá-la, mas apenas quando estabeleceu uma relação com ela, uma forma de diálogo (WARREN, 1990), e quando nadou com golfinhos que só se aproximaram quando ela desistiu de controlar o que aconteceria (WARREN, 2000, p. 120-21). Isso ressoou muito bem minhas experiências acampando nas Montanhas Rochosas do Canadá, onde a natureza é, experimentalmente, um zumbido fervilhante de movimentos que me fez tomar consciência do meu lugar nisso, especialmente na cadeia alimentar, mas também demonstrou o cuidado em me prover os meios de encontrar o que precisava, ainda que de forma indiferente à minha sobrevivência. Concluí dessas experiências que cabe a mim estar atenta ao que está acontecendo ao meu redor porque, se eu for capaz de trabalhar junto com – ao invés de contra, como um conquistador – os processos naturais, eu posso prosperar. Por exemplo, observar e escutar o ambiente em que estava me ensinou a não montar uma barraca ou mesmo parar para almoçar embaixo de um glaciar que poderia, a qualquer

momento, se romper e desabar um pedaço de gelo sobre mim. A natureza “fala” e prosperar (que inicia com sobreviver) significa ouvir. Essas ideias de uma relação com a natureza diferente da determinada pela essência da tecnologia aparecem na discussão de Heidegger do *Gelassenheit*, do “deixar os seres serem” e “abertura para o mistério” (HEIDEGGER, 1992/1966), mas não acho que poderia ter compreendido essas ideias sem minhas experiências na montanha e sem as descrições de Warren de relações não dominantes com os entes naturais.

Warren também possui argumentos fortes em defesa de levar a sério os dados empíricos. Ela argumenta que a natureza é uma questão feminista (WARREN, 2000) porque compreender a relação da mulher com a natureza e os impactos na vida das mulheres quando o meio ambiente está comprometido ajuda a compreender a opressão contra, a subordinação e a dominação das mulheres. Em outro texto, defendi que ambientalistas precisam ser feministas por, pelo menos, seis razões:

- 1) a saúde das mulheres sofre mais que a dos homens em consequência da degradação ambiental, e os corpos das mulheres, especialmente suas funções reprodutivas, são mais suscetíveis a toxinas ambientais;
- 2) a maioria dos agricultores do mundo são mulheres que frequentemente plantam não para o mercado, mas para alimentar sua família; desta maneira, programas de adaptação climática não podem apoiar a segurança alimentar se não compreenderem e irem ao encontro das necessidades das agricultoras;
- 3) a degradação ambiental intensifica a experiência vivida de pobreza das mulheres, por exemplo, o desmatamento e a desertificação obrigam mulheres a trabalhar mais intensamente e por mais horas para atender as necessidades básicas da família se elas precisam andar mais para coletar lenha para cozinhar e se aquecer, e água para uso cotidiano;
- 4) mulheres são marginalizadas, contudo, são peças fundamentais na reforma ambiental e têm muita sabedoria para contribuir com políticas e práticas sustentáveis;

5) grupos de mulheres obtiveram sucesso em lugares em que grupos de homens haviam falhado, por exemplo, as mulheres da *Deccan Development Society* na Índia foram capazes de melhorar as condições de vida da pobreza rural através de remediações ambientais, armazenamento de sementes e outras práticas após grupos de homens terem falhado; e,

6) preocupações de ambientalistas sobre população apenas podem ser consideradas se levarem em conta o planejamento familiar em termos de saúde da mulher, educação e condições de vida (GLAZEBROOK, 2015).

Desta maneira, a saúde da mulher, pobreza e capacidade de garantir a segurança alimentar estão profundamente interligadas à saúde do ecossistema. Movimentos ambientalistas que falham em levar em conta a situação das mulheres e responder às suas necessidades, portanto, não podem ter êxito e estão trabalhando contra sua própria agenda.

Ao mesmo tempo, a discussão de Warren sobre as mulheres Chipko na Índia (WARREN, 2000) como um exemplo de por que a compreensão empírica da situação concreta das mulheres é importante me levou de volta para o livro *Staying Alive* de Shiva, me dando um contexto inicial para começar a compreender sua obra após um longo estudo teórico do ecofeminismo confrontado à minha formação acadêmica da crítica da ciência e da tecnologia de Heidegger. Shiva explodiu minha cabeça novamente ao argumentar que “o desenvolvimento concebe a pobreza apenas em termos de ausência a partir do modelo de consumo ocidental, ou em termos de entrada de dinheiro e assim, não é capaz de lidar com economias de provisões autônomas” (SHIVA, 1993, p. 289). Assumir que todas as culturas desejam seguir o caminho de desenvolvimento do Norte global sugere que toda cultura deveria aspirar a esta realidade, apesar de muitas culturas terem epistemologias, ontologias e economias sustentáveis em suas comunidades por gerações. “Economia de subsistência” permanece, contudo, um termo depreciativo, posto que muitas famílias, em muitos lugares ao redor do mundo, ainda recorrem fortemente a trabalhos não remunerados. Economias capitalistas não são capazes de funcionar sem se sustentar no trabalho não remunerado em sua maioria feminino. Esse foi meu primeiro reconhecimento de que o feminismo é uma questão econômica, quando vim a compreender a feminização da pobreza, mas igualmente a força e a resiliência das mulheres em operacionalizar a longo prazo economias alternativas baseadas nas práticas de cuidado.

Durante esse tempo, contudo, enquanto estive em Colgate, morei em uma pequena cidade, com bem pouco movimento depois das seis da tarde, que não tivesse a ver com os garotos das fraternidades. Então, naturalmente, me juntei a uma banda como baterista e percussionista. Em 2001, depois de me mudar de Colgate (pelas razões discutidas acima) para próximo de Syracuse, Nova Iorque, acidentalmente me tornei aluna de um mestre baterista de Gana que tinha acabado de se mudar para Syracuse. Através dele, conheci um grupo de mulheres, *Beyond Boundaries* [Além de fronteiras], que estava arrecadando fundos para uma organização de mulheres no norte de Gana. Comecei a organizar encontros de batuque e dança para o grupo e em 2002 fui com elas entregar o dinheiro arrecadado. Aprendi o quão duro as mulheres trabalham para colher comida e criar suas famílias, o quanto elas são resilientes diante das mudanças climáticas, o quanto as crianças são felizes com talvez um único conjunto de roupa ao passear pelo vilarejo o dia inteiro junto com cabras e outros animais criados. Voltei para casa e comecei imediatamente a pesquisar sobre agricultura, políticas, questões sobre mulheres e tudo que pude encontrar sobre Gana enquanto submetia projetos para conseguir mais fundos. Em 2007, voltei para um pequeno vilarejo, a dezesseis horas de ônibus da capital, para morar por oito meses com meu filho que então tinha quatro anos.

Durante esses meses, aprendi que tudo que as ecofeministas tinham dito sobre a pobreza, educação, agricultura, casamento e situação das mulheres, assim como sobre sua força e desigualdades sociais persistentes a que são submetidas eram, de fato, reais. Na estação das chuvas, aproximadamente de abril a setembro, elas tinham vivido uma seca seguida de uma inundação catastrófica apenas alguns dias antes de nós chegarmos, que para muitas mulheres tinha significado a destruição de sua lavoura e talvez até de sua casa de barro. Elas não possuíam sistemas de irrigação e dependiam das chuvas, desta maneira, não tinham meios para alimentar suas famílias até a próxima estação de plantio. Qualquer uma delas podia me explicar em detalhes como as mudanças climáticas estavam ocorrendo e sobre seus impactos nas chuvas e nos cultivos e o que elas estavam fazendo para tentar se adaptar. Elas estavam mudando a forma de selecionar seu cultivo. Tipicamente, elas plantam amendoins, que são uma boa fonte de proteína. As nozes do amendoim crescem debaixo da terra, e se a planta não receber chuva suficiente continuamente depois de plantada, as folhas acima da terra crescem bem, mas o amendoim não. No final da estação, quando as raízes são arrancadas, não há amendoim e uma temporada inteira de cuidados com a plantação é perdida. Outro cultivo tradicional é milho-painço, um grão que tem alto teor de proteína e cálcio e é excelente para mulheres que estão grávidas

ou amamentando e criando crianças. Mas uma quantidade inadequada de chuva significa uma produção demasiadamente pequena para alimentar a família durante *Harmattan* (uma estação fria e seca que começa no final de setembro até o início de janeiro, na qual os ventos do Saara lançam uma poeira que parece neblina ou fumaça à distância) e a estação seca (também conhecida como a estação quente até a estação das chuvas trazer temperaturas mais amenas e transformar o marrom em verde). Dada a impossibilidade de prever o padrão de chuva, as mulheres não podem se fiar nos cultivos tradicionais e, em vez disso, plantam uma variedade de arroz resistente à seca. O arroz praticamente não tem valor nutricional e fornece apenas carboidratos, o que leva ao *kwashiorkor*, no qual a barriga fica inchada pela retenção de água, enquanto os membros se assemelham a galhos porque não há proteína para os músculos se desenvolverem. A deficiência de proteína também pode prejudicar a saúde mental (a inanição pode levar à psicose) e causar edema (inchaço), falência de órgãos, perda e retração de tecido muscular e fraqueza do sistema imune. Em outras palavras, as mulheres estão sacrificando sua base nutricional simplesmente para pôr algo de comer na boca das crianças para evitar a inanição (GLAZEBOOK, 2015a).

Ao mesmo tempo, Gana descobriu petróleo em alto mar em 2007, que foi extraído pela primeira vez em 2011 para ser transferido para tanques na Noruega e transportado para algum outro lugar para ser refinado. Os rendimentos da venda do petróleo são destinados para melhorar a vida dos cidadãos ganenses, criando riquezas. Mas a riqueza dos recursos africanos é bem conhecida por sofrer do paradoxo benção ou maldição. Pesquisas de longa data sobre riquezas advinda de recursos naturais indicam impactos negativos da riqueza de recursos repentina, conhecida como “a doença holandesa” porque na Holanda houve um declínio da industrialização em 1977 que se seguiu da descoberta de um grande campo de gás natural. A riqueza produzida pelo gás desacelerou as outras indústrias. Esse conceito continua sendo largamente aplicado a análises econômicas de pós-descoberta de recursos. Além disso, o petróleo também tem sido identificado em outros lugares na África como uma maldição ao invés de uma benção por seu papel em alimentar a corrupção, conflitos e a devastação ambiental (GLAZEBOOK; KOLA-OLUSANYA, 2011; GLAZEBOOK; STORY, 2012). Além desses riscos, as mudanças climáticas causadas pelos combustíveis fósseis estão afetando os cultivos. As mulheres cultivam de 70-87% daquilo que está na cesta básica nacional, dependendo de que fonte você consulte (GPRS I 2003, p. 75; SWC 2010, p. 109). Essas mulheres estão experimentando uma perda significativa de cultivos no norte de Gana que está causando deficiência nutricional e uma crise de fome. O Gana tem uma política

de criação de riquezas em relação ao petróleo que, na verdade, está em conflito com as necessidades das agricultoras enquanto aquelas que garantem a segurança alimentar. Provavelmente, os benefícios do desenvolvimento do petróleo serão acumulados por alguns, enquanto outros, neste caso, as mulheres agricultoras e suas famílias, irão pagar o preço das mudanças climáticas.

## O fim

Nesta seção, mostro como Vandana Shiva globalizou ainda mais minha compreensão da relação das mulheres com seu ambiente como produtoras de comida, a feminização da pobreza e os impactos pós-coloniais da tecnociência na ordem fálica sobre as práticas agrícolas tradicionais das mulheres. Ela também me ensinou que o ecofeminismo é uma questão econômica.

Como mostrei acima, a compreensão de Heidegger da essência da tecnologia como uma lógica da exploração de recursos e sua análise da matematização da natureza permitiram avançar em uma análise do capitalismo como um sistema de exploração no qual a natureza e outros seres humanos são reduzidos a um valor de troca. Em um nível global, os EUA desempenham o papel de um intermediário na economia global. Por algum tempo, a economia foi detida pelo mercado do Eurodólar, no qual o dinheiro é armazenado fora dos EUA em dólares americanos, mas sobre os quais os EUA mesmos não possuem o menor controle. Em 1985, foi estimado que de US\$1.668 trilhões em circulação, 75% eram provavelmente Eurodólares fora do controle da Reserva Federal dos EUA (VATTER AND WALKER, 1995). Isso era um problema para os EUA porque desafiava seu papel de intermediário na economia global, um papel que permite forte influência nesta economia. O petróleo, contudo, recuperou este poder de subscrever [*underwrite*] a economia global: o papel significativo do petróleo no mercado global pós-Eurodólares ficou bastante evidente, por exemplo, quando o *boom* do petróleo “*shale*”, isto é, obtido por fraturamento hidráulico [*fracking*], que iniciou em 2012, afetou a capacidade da OPEC (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) de controlar os preços do petróleo que, por sua vez, influenciou fortemente a economia global. Essa nova forma de extração de petróleo permitiu aos EUA continuarem controlando a economia global através do Petrodólar, ao invés do Eurodólar. Contudo, na macroeconomia, os atores globais não estão necessariamente dispostos a seguir sendo gerenciados economicamente pelos EUA.

O recente assassinato do General iraniano Soleimani foi, de fato, descrito como um “cenário preocupante” de:

um EUA desesperado atacando um mundo que tem dado as costas para um mundo unipolar em favor de um multipolar que está emergindo... O Petrodólar garante que os EUA mantenham seu *status* de moeda de reserva global, garantindo uma posição de monopólio da qual se derivam enormes benefícios ao desempenhar o papel de hegemonia regional... Ameaçar esse arranjo confortável é ameaçar o poder global de Washington (PIERACCINI, 2020).

A China tem desempenhado um papel cada vez mais importante na economia global, o que tem tensionado sua relação com os EUA. A Venezuela, a Rússia e o Irã, que detêm parte das maiores reservas de petróleo e gás do mundo, têm “intensificado relações” com a China e apoiam o surgimento da multipolaridade que a China e a Rússia desejam consolidar, para supostamente cultivar o supercontinente eurasiático pacificamente. O resto da maioria da reserva de petróleo e gás está no Iraque, Qatar e Arábia Saudita. A Arábia Saudita pode tender à solidariedade com a China-Rússia tanto por razões militares quanto de energia. E o Iraque e o Qatar ainda estão ambos afetados pelos “numerosos erros estratégicos na região” feitos pelos EUA, desde a invasão ao Iraque em 2003 e, mais recentemente, ao Iêmen, onde quarenta ataques de drones, em menos de um mês, mataram centenas de pessoas, incluindo crianças, em março de 2017, em uma operação que se tornou ainda menos justificável porque foi defendida com base em investigações duvidosas [*shaky intelligence*]. Em relação ao Iraque, a invasão dos EUA em 2003 foi baseada em uma investigação forjada de que bin Laden, quem planejou o ataque às torres gêmeas, estava no Iraque. Há razões substanciais para acreditar que tanto a invasão de 2003 ao Iraque quanto o assassinato de Soleimani em 2020 foram uma mensagem enviada pelos EUA de que não estão dispostos a renunciar sua autoridade unipolar sobre a economia global.

O que acabei de expor é um jogo por poder no qual os EUA estão, cada vez mais, travando uma luta pelo domínio global. Enquanto os executivos de empresas de petróleo e gás e membros de parlamentos e governos ceifam lucros massivos, milhões de pessoas perdem praticamente tudo. Está em andamento uma guerra por poder internacional na qual o ambiente, a violência, a falta de segurança alimentar e a escassez hídrica estão profundamente interligados em

um sistema global econômico que depende de combustíveis fósseis. Além da ameaça militar que essa guerra pelo poder necessita e possibilita, a produção e a queima de petróleo e gás estão criando o maior dano enfrentado pela espécie humana que se tem registros através da destruição de sistemas alimentares, sistemas hídricos e ecossistemas habitáveis. A luta por poder neste sistema econômico e o consequente foco nesta luta ao invés do reconhecimento da necessidade da imediata transição em abandonar o uso de combustíveis fósseis, já está causando um massivo sofrimento humano através do colapso agrícola na África, incêndios sem precedentes na Austrália e na costa oeste dos EUA e grandes inundações em vários continentes. O que também está claro é que os beneficiados com a indústria de combustíveis fósseis são, em sua grande maioria, homens em cujas mãos essa indústria está.

O impacto desta indústria extremamente lucrativa sobre o planeta é, atualmente, suficiente para se tornar visível em registro fóssil. Desta forma, hoje em dia se argumenta que o planeta vive no Antropoceno, o período geológico no qual o ser humano (*Anthropos*) produz um impacto visível sem precedentes. No entanto, enquanto uma ecofeminista, defendo que nós não vivemos no Antropoceno, mas no Androceno. Isto é, o mundo em que vivemos foi moldado por uma história da lógica de dominação de gênero, no qual a mobilização tecnocientífica da conquista global transforma “fontes de regeneração e renovação da vida (...) em matéria inerte e fragmentada, mera ‘matéria prima’ para ser processada em um produto final (MIES; SHIVA, 1993, p. 26). A lógica mecanicista e reducionista cria uma crise ecológica na medida em que “os processos e regularidades orgânicas e capacidades regenerativas são destruídos” (SHIVA, 1998, p. 24). A tecnociência implementa práticas de conhecimento de manipulação e destruição porque a epistemologia fundamentada na *technê* inverteu o conhecimento, negando ontologias que concebem a natureza como um processo de nutrição e regeneração. Por exemplo, a biologia mata em laboratórios de dissecação na tentativa de compreender o que a vida é.

Globalmente, no trabalho de cuidado realizado por mulheres, cultivar alimentos é geralmente uma responsabilidade feminina. A biotecnologia na agricultura manipula a natureza a fim de aumentar a produtividade, no entanto, a substituição de processos cíclicos da natureza por safras que geram lucro destruiu o solo e a água na Índia (SHIVA, 1988). Substituem a agricultura tradicional pelas abordagens da Revolução Verde que favorecem o uso de fertilizantes, monoculturas e mecanização e não são “baseadas na cooperação com a natureza, mas em sua conquista” (SHIVA, 1991, p. 29). Essas práticas desrespeitam tanto os processos da natureza quanto o conhecimento das pessoas: o conhecimento local

“foi substituído (...) [por] especialistas que criam um pequeno conjunto de novas variedades de sementes” (SHIVA, 1991, p. 44-45). Sistemas que têm funcionado por séculos respeitando os limites da natureza, garantindo a renovação da vida vegetal e a fertilidade do solo foram substituídos por sistemas que consideram que os limites naturais são simples restrições que podem ser superadas pela ciência (MIES; SHIVA 1993, p. 28). Sistemas de conhecimento não científicos foram excluídos como superstições, mitos, folclore e “histórias de velhas donas de casa” (CURTIN, 1999). Práticas agrícolas consolidadas por muitos anos por mulheres, aprendidas através de gerações, foram consideradas “algemas do passado” (SHIVA, 1991, p. 34-35). Esse culto tecnocientífico do especialista que debilita a instrução científica e reduz a capacidade humana de saber é irracional por si mesma porque “rejeita os sistemas de crenças alheios (...) sem uma avaliação completamente racional” (SHIVA, 1988, p. 26). De forma semelhante, Heidegger defende que a tecnologia toma a si mesma como única verdade e “rejeita qualquer outra possibilidade de mostração” (HEIDEGGER, 1977, p. 31).

Na ordem fálica do Androceno, economias de subsistência de mulheres são marginalizadas pelo capital que está geralmente sob o controle dos homens, enquanto a pobreza é experimentada de forma desproporcional pelas mulheres na feminização da pobreza, mesmo no Norte global. A negação do capital da função reprodutiva ginocêntrica da natureza privilegia a produção. Por isso, Shiva argumenta que a “relação entre reducionismo, violência e lucro é construída no interior da gênese da ciência masculinista, pois sua natureza reducionista é uma resposta epistêmica a uma organização econômica baseada na exploração descontrolada da natureza pela maximização de lucro e de acumulação do capital” (SHIVA, 1988, p. 23). Esta é a conexão entre a ordem fálica, o capital e a lógica de dominação na qual as pessoas, outras formas de vida e ecossistemas são descartáveis enquanto o Grande Petróleo ceifa lucros exorbitantes às suas custas.

Em resumo, Karen Warren e Vandana Shiva me permitiram, como heideggeriana, desenvolver minha análise ecofeminista com uma crítica mais completa da lógica do capital na ordem fálica e desenvolver argumentos pela lógica ginocêntrica do cuidado fundamentados no método da narrativa em primeira pessoa de Warren e a prática de escutar a natureza ao invés de conquistá-la, e a contribuição de Shiva sobre a natureza cíclica, generativa, afirmadora da vida, da lógica e prática ginocêntrica em oposição à alternativa científica do sistema de lucro na lógica fálica da dominação. Economias do capital treinam pessoas a acreditar que o propósito da existência humana é a acumulação individual de riquezas privadas. Economias do cuidado ginocêntricas desejam, ao contrário, fazer prosperar pelas pessoas toda a vida e ecossistemas. É por meio dessa lógi-

ca do cuidado que estou reconciliada como uma ecofeminista que está confortável sendo uma mulher comum que nunca será tratada como igual no contexto sexista, e ainda misógino, dos Departamentos de Filosofia nos quais, apesar de ter escritórios em três continentes e publicar muito mais que meus colegas homens anualmente, sou “tratada”, na melhor das hipóteses, como a tia louca a ser ridicularizada, ainda que mais frequentemente como a pessoa difícil de lidar, a “vaca”, a encrenqueira a ser evitada, como se eu escolhesse ser feminista.

Quando assumi a posição que ainda ocupo hoje de Diretora do Instituto de Política, Filosofia e Relações Públicas, passei a frequentar as reuniões com o Reitor e com meus dezenove colegas em cargos de chefia das outras unidades da Faculdade. Apenas uma era mulher. Ela dirigia seu Departamento por anos, era mais velha que eu e pintou seu cabelo de azul. De vez em quando, ela olhava ao redor da sala como se estivesse desafiando a todos nós e dizia algo bastante chocante como, por exemplo, “tá tranquilo, tá favorável” ou “em breve vamos ter que começar a cair na porrada com eles”. Todos meus colegas homens então se inclinavam um pouco para frente com o mesmo sorriso, olhando uns para os outros com ar de superioridade e voltavam a seus trabalhos. Ela é realmente muito inteligente, mas fez um excelente trabalho em demonstrar para nossos colegas homens que não é uma ameaça a eles. E então penso nas mulheres da reserva indígena *Standing Rock*, nas mulheres indígenas da região amazônica, na Berta Cáceres e em todas as ambientalistas e protetoras da terra que se atrevem a ser uma ameaça percebida apesar da real ameaça que isso representa às suas vidas, das quais algumas foram arrancadas, geralmente por milicianos assassinos, e nos homens, e em muitas pessoas de todos os tipos que hoje resistem ao poder branco, aos ricos, aos oleodutos e aos danos irreparáveis às pessoas, animais, ecossistemas e ao planeta causado pela lógica fálica buscando o lucro. Eu vejo que a mudança está chegando – é por isso que o capitalismo está reagindo tão violentamente. Porque nós somos fortes.

# Referência Bibliográfica

BALL, W. W. Rouse. [1908]. *A Short Account of the History of Mathematics*. New York: Dover Press, 2003.

CURTIN, Deane. "Recognizing women's environmental expertise". *Chinnagrounder's Challenge: The Question of Ecological Citizenship*. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1999.

GALILEO. *The Discoveries and Opinions of Galileo*, tr. Stillman Drake. London: Anchor Books, 1957.

GLAZEBROOK, T. "From physis to nature, tech-nê to technology: Heidegger on Aristotle, Galileo and Newton". *The Southern Journal of Philosophy* 38(1):95-118, 2000.

\_\_\_\_\_. "Heidegger and ecofeminism". *Re-Reading the Canon: Feminist Interpretations of Heidegger*, eds. Nancy Holland and Patricia Huntington. University Park, PA: The Pennsylvania State University Press, 221-251, 2001.

\_\_\_\_\_. "Ecofeminism without borders: The power of method". *Environmental Ethics for Canadians*, ed. Byron Williston, 2nd ed. Oxford, UK: Oxford University Press, 164-171, 2015.

\_\_\_\_\_. "Climate adaptation in the global South: Funding women's farming". *Contemporary Perspectives on Eco-Feminism*, eds. Mary Phillips and Nick Rumens. London: Routledge, 111-131, 2015a.

\_\_\_\_\_. "Heidegger and economics: Withdrawal of being in capital". *Studia Culturalogica (Divinatio): New Ways of Contextualizing Heidegger*, 47:7-21, 2019.

GLAZEBROOK, T.; KOLA-OLUSANYA, Anthony. "Justice, conflict, capital, and care: Oil in the Niger Delta". *Environmental Ethics* 33(2):163-84, 2011.

GLAZEBROOK, T.; STORY, Matt. "The community obligations of Canadian oil companies: A case study

of Talisman in the Sudan". *Corporate Social Irresponsibility: A Challenging Concept*, eds. Ralph Tench, William Sun and Brian Jones. Bingley, UK: Emerald Group Publishing, 231-61, 2012.

GPRS I (2003). "Ghana Poverty Reduction Strategy: 2003-05". International Monetary Fund: IMF Country Report No. 03/56, March 6 2003. Washington, DC: IMF Publication Services.

<https://www.imf.org/en/Publications/CR/Issues/2016/12/30/Ghana-Poverty-Reduction-Strategy-Paper-16390> Acessado em 8 de março de 2020.

HEIDEGGER, Martin. *Discourse on Thinking*, trs. John M. Anderson and E. Hans Freund. New York: Harper & Row, 1966.

\_\_\_\_\_. *What is a thing*, Tr. W. B. Barton, Jr. and Vera Deutsch. Chicago: Henry Regnery Company, 1967.

\_\_\_\_\_. "Die Frage nach der Technik", *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen: Verlag Günther Neske, 9-40, 1977.

\_\_\_\_\_. *Die Frage nach dem Ding*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1987.

\_\_\_\_\_. *Gelassenheit*. Stuttgart: Verlag Günther Neske, 1992.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. *Ecofeminism*. London: Zed Books, 1993.

PIERACCINI, Federico. "The deeper story behind the assassination of Soleimani". *Strategic Culture Foundation*. World: Middle East. 8 de janeiro de 2020.

<https://www.strategic-culture.org/news/2020/01/08/the-deeper-story-behind-the-assassination-of-soleimani/>

SHIVA, Vandana. *Staying Alive: Women, Ecology, and Survival in India*. London: Zed Books, 1988.

\_\_\_\_\_. The Violence of the Green Revolution. London: Zed Books, 1991.

\_\_\_\_\_. “The Impoverishment of the Environment: Women and Children Last”. In: Ecofeminism, eds. Maria Mies and Vandana Shiva. Atlantic Highlands, NJ: Zed Books, 1993.

SWC (2010). “National Reports—Ghana: MDGs remain elusive”. Social Watch Coalition. ghana2010\_eng.pdf. <http://www.socialwatch.org/node/12082>. Acessado em 8 de março de 2020.

VATTER, Harold G.; WALKER, John F. eds. History of the U.S. Economy since World War II. London, UK: Routledge, 1995.

WARREN, Karen. “The power and the promise of ecological feminism”. Environmental Ethics 12 (2): 125-46, 1990.

\_\_\_\_\_. Ecofeminist Philosophy: A Western Perspective on What It Is and Why It Matters. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2000.